

DESEJO, PODER E REALIZAÇÃO

WILL, POWER, AND ACCOMPLISHMENT

Joel Adriano Maciel

Conferencista, Pesquisador em Gestão de Pessoas, integra a Assessoria Especial da Diretoria da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos do Governo do Estado (RS)
joel@joelmacieli.com.br
Fone: (51) 3286 5093

PALAVRAS CHAVE

Gestão de qualidade. Administração de recursos humanos.

KEY WORDS

Quality management. Personal management

Todos nós temos um dom, uma habilidade, algo em particular que nos torna únicos na imensidão desse Universo. Essa particularidade é o nosso principal instrumento para atingir nosso verdadeiro propósito de vida. Nosso compromisso conosco mesmo. Nosso poder máximo de realização que nos torna capaz de fazer alguma diferença na vida e no mundo. Esse potencial reúne um pacote de habilidades distintas que se somam de forma exclusivo e nos facilita dominar determinadas áreas do saber, do ser e do fazer.

Ao fazer uso de nossos melhores recursos estamos fazendo uso de nossa vocação, que em sua raiz lingüística significa “chamado”. O chamado interior é aquilo que fazemos com satisfação e alegria, recebendo ou não remuneração para desempenhar tal atividade. Quando desenvolvemos esse nosso potencial interior e o colocamos a disposição do mundo, estamos realizando nosso propósito superior. Estamos cumprindo com nossa lenda pessoal.

Durante nossa adolescência e juventude, muitas idéias e planos são elaborados, muitos sonhos projetados, nossa imagina-

ção parece mais fértil e nossa ousadia maior. O mundo se descortina diante de uma enormidade de perspectivas que acalentamos. Somos curiosos, contestadores das normoses do mundo e reunimos uma vitalidade enorme para desfrutar a vida.

O tempo passa, os compromissos com as demandas da vida moderna se somam e se apresentam para serem assumidas. Aos poucos a rotina vai consumindo mais tempo e energia e muitas vezes acaba sufocando nossa capacidade de sonhar e desestimula nossas buscas mais elevadas. Nos esquecemos de quem somos verdadeiramente e passamos a interpretar papéis para agradar às convenções sociais e manter a vida de aparências que muitos levam.

Uma das supremacias de nossa realização humana está no desenvolvimento de nossas virtudes. Isso exige foco. Se cavarmos inúmeros buracos fica mais difícil de encontrarmos água do que se concentrarmos os esforços em alguns poços tornando-os mais profundos.

Começamos a morrer e antecipar nossa aposentaria quando paramos de

sonhar. E já que sonhar faz bem, tenha sonhos grandes, porque sonhar pequeno ou grande, dá o mesmo trabalho.

O ser humano possui um potencial extraordinário para criar e recriar a sua própria existência. Somos a pura potencialidade, que pode ser canalizada tanto para a santidade, quanto para a criminalidade. O que resolvemos fazer com os 10 bilhões de neurônios que sustentamos em nossas cabeças e com nossa genuína capacidade imaginativa capaz de estruturar o mundo a nossa volta, é que faz a grande diferença.

O mendigo que tem a ponte como morada e o diretor de uma grande corporação ambos foram dotados da mesma maravilha que nos coloca no topo evolutivo do planeta, ou ao menos, nos faz pensar que estamos no ápice da evolução.

VIDA, CAUSA E EFEITO

Tudo aquilo que neste exato momento nós temos ou somos, são apenas resultados do que fizemos e do que deixamos de fazer no passado. O presente é consequência. Se nos desagrada, ao invés de reagir é preciso agir. Redirecionar o foco. Se nos agrada plenamente, é imperativo aprimorá-lo. Se continuarmos fazendo o que sempre fizemos, não necessariamente continuaremos obtendo os mesmos resultados no presente e no futuro. Quem sustentava a família em 1980 vendendo disco de vinil, provavelmente não conseguirá manter o mesmo padrão. Diante de

um mundo que muda tanto, incoerência pode ser não mudar. Sucesso no passado não garante sucesso no futuro.

O futuro está sendo construído agora, nesse exato momento e temos o poder de tomar novas e diferentes decisões, que conseqüentemente vão nos proporcionar outros resultados. Somos nós que determinamos os nossos resultados. Do ponto de vista quântico, o futuro também interfere no presente. Porque quando escolhemos um determinado caminho para nossa vida, esse caminho recebe influências das experiências e referências que já tivemos, mas a escolha que tem a ver com o futuro redireciona o nosso foco, passamos a dar atenção para o que antes sequer percebíamos. Passamos a projetar eventos futuros que no caminho de vida anterior não teríamos. Então o futuro influencia o presente.

Quando nossas vidas não correspondem ao que tínhamos idealizado para ela, fica extremamente fácil terceirizarmos a culpa procurando alguém que possa reunir os motivos pelos quais nossos planos foram à deriva. Muitas vezes a culpa revela sentimentos de mágoas acumuladas ao longo da vida. Os pais costumam receber uma fatia da culpa assim como a sociedade, os governos, as igrejas, amigos, sócios, colegas, formação, etc. Como a vida de reclamante não tem futuro promissor, o melhor é não perder tempo.

Muitas vezes os planos estruturados acabam ruindo porque as pessoas concen-

tram o foco exageradamente nos pontos negativos da vida e daquilo que fazem. O pensamento e os nossos desejos atuam no campo extrafísico produzindo cenários e atraindo por ressonância magnética pessoas e circunstâncias. Estudos revelam que são as pessoas que temem os assaltos que são as vítimas preferidas dos assaltantes, assim como são os mais ousados que atraem as oportunidades da ousadia.

O olhar do homem estrutura o mundo a partir do seu ponto de vista. Nossas intenções e nossas decisões são valiosas na definição de nosso futuro. Esforço é fundamental, mas só com esforço não se atravessa o oceano. Basta lembrar que o vencedor de uma partida de futebol é quem faz mais gols e não necessariamente quem mais sua a camisa.

As novas descobertas científicas nos revelam que a lei Darwinista de manutenção das espécies, embora tenha uma lógica comprovada, não se aplica linearmente aos seres humanos. É impossível chegar ao patamar evolutivo de Mahatma Ghandi, de Madre Tereza de Calcutá, de Bill Gates ou de Osvaldo Cruz pela simples lei do mais forte. Nem uma teoria pode ser vista de forma linear. Se a evolução Darwinista fosse aplicada para explicar tudo que existe em nosso meio, as sucessivas gerações de mineiros necessariamente gerariam descendentes menores e mais curvados para adaptar-se ao ambiente, ou então a natureza teria nos dotado com asas ou pernas mais longas para aumentar

nossa velocidade. Instrumentos que acabamos criando posteriormente.

AFINAL, QUEM SOMOS?

Nós alimentamos a ilusão da separatividade, achamos que somos separados da natureza, do mundo e do ambiente que nos cerca. Achamos que aquilo que está dentro é diferente do que está fora de nós. Na verdade aquilo que está fora só existe, porque primeiro é processado e interpretado por nossos sentidos. Portanto o dentro e o fora estão interligados.

Somos um complexo que inclui vários “eus”, que podemos chamar de “multidimensional”. Um somatório de dimensões que se reúne de forma única em cada um de nós.

- Nossa estrutura óssea é composta por minerais, nossa flora se alimenta de vegetais e animais, nosso intestino possui 8 mil diferentes tipos de bactérias que atuam no processamento do bolo alimentar. Para esses seres vivos nós somos um grande hospedeiro.
- Nossos chákaras são pontos energéticos que interagem com o ambiente e com o campo etéreo de outras pessoas.
- O campo emocional e a nossa mente, integram a terceira dimensão, nossa imaginação nos possibilita viajar no tempo e no espaço, sem sair do lugar.

- Ao mesmo tempo somos formados por uma essência superior, que transcende a matéria e o espaço percebido por nossa retina ocular.
- Quando as pessoas nos olham percebem um corpo e nos vêem como tal. Mas nós não somos apenas um corpo, o corpo faz parte de nós. O corpo é uma das várias dimensões de nosso ser.
- Talvez para os físicos quânticos somos consciências co-criadoras e um universo de possibilidades.
- Para algumas filosofias, somos instrumentos de uma inteligência superior.
- Tudo isso se reúne num pacote recoberto por umas personalidades únicas, que reúne expectativas, sonhos e frustrações. Que tem talentos especiais, habilidades natas e desenvolvidas. Um verdadeiro manancial de possibilidades.
- Então o que somos? Somos o que escolhemos perceber. Aos olhos darwinistas, somos mamíferos evoluídos que chegaram ao topo de uma cadeia alimentar, sem predadores. Talvez o planeta, como um grande corpo vivo, nos percebe como uma praga que produz estragos irreparáveis a seu gigantesco corpo que dá sinais de enfermidade. Para os religiosos, somos divindades tendo uma experiência humana, e um dia retornaremos a

fonte criadora. Para nossos pais, seremos eternas crianças. Para os psicólogos somos um ego um superego, uma psique que gera conseqüências em um corpo. Talvez um médico clínico possa nos ver como uma máquina, que eventualmente precisa de alguns reparos. Para o mercado somos um profissional cujo valor é mensurável por resultados efetivos. Para nossos familiares, não tem resultado nem preço que possa mensurar nosso valor, porque somos uma fonte de afeto.

Nosso condicionamento mental nos faz ver aquilo que nos acostumamos a perceber. A realidade é uma criação da mente humana. E essa realidade também recebe uma significativa carga de influências da formação profissional ou daquilo que resolvemos estudar.

Se você tem um determinado problema que gera desconforto físico em uma parte do seu corpo e você procurar um fisiculturista ele vai tentar perceber excessos de atividade física que você possa estar realizando. Um psicólogo vai tentar relacionar o desconforto a um trauma do passado, a um problema de relacionamento com os pais. Um terapeuta floral vai procurar um desequilíbrio energético relacionado aquela área e vai lhe receitar florais e tinturas. Um clínico geral vai pedir um exame, para diagnosticar e medicar, ou encaminhar para um especialista. Um

médium pode ver a origem do seu problema numa via anterior. Um advogado pode ver uma oportunidade de ganhar dinheiro com uma causa trabalhista. Uma cartomante pode atribuir o desconforto à inveja de alguém. Um acupunturista vai procurar os “chacras” e outros pontos energéticos e com algumas agulhas vai trabalhar para restabelecer o equilíbrio.

Portanto o que somos e o que escolhemos ver no mundo, depende do enfoque dos olhos de quem vê.

Nesse contexto, a auto-imagem é de grande valor, porque ela estrutura nosso olhar e nosso agir a partir de uma impressão que temos. Algumas pessoas têm medo do autoconhecimento. Em alguns casos o que temem é a descoberta dos desafios que, a seu juízo temem enfrentar. Outros temem descobrir seu verdadeiro potencial e ser exigido que ele seja posto em prática a serviço da humanidade.

Os estados emocionais que nos encontramos em qualquer momento determinam a nossa percepção da realidade. Diante de um negócio mal sucedido, tememos a perda de outros. Diante de um negócio que deu certo, nos motivamos a buscar novos clientes. Nosso foco estrutura a realidade.

Se não interpretamos e assumimos o controle de nossas reações e impulsos, nos tornamos prisioneiros do passado, pois tendemos a ingressar em um sistema mecânico de ação e reação.

A tomada de consciência pode elevar

nossos padrões e a qualidade de nossas vidas. Ao tomar consciência de nossas interpretações podemos verificar se o que escolhemos focalizar é fortalecedor ou está nos prejudicando. Se não interpretamos, facilmente nos vitimizamos. Parece simples, mas na verdade não é. O nosso cérebro está habituado a direcionar o seu foco, e na maioria das vezes nossas escolhas decorrem desse piloto automático. Quando nos damos por conta estamos nos vitimizando, criticando, avaliando, elogiando, julgando, motivando, etc. de uma maneira automática, tendo as mesmas referências como base.

Só saímos do piloto automático quando resolvermos assumir as rédeas de nosso pensar e adotarmos uma dieta mental de avaliação daquilo que passamos a concentrar nossa atenção. Embora não seja tarefa fácil, precisamos aprender a fazer uso de nosso poder de controle, para conseguirmos mudar o que acontece mentalmente a qualquer momento. Mudar as sensações produzidas por aquilo que nos incomoda e ajudar os outros a mudarem seus estados emocionais redefinindo seus focos.

Para produzirmos mudanças nos estados emocionais podemos fazer uso de vários instrumentos, entre os quais a mudança de foco de nossos pensamentos, alterações em nossa fisiologia, especialmente em nossa postura física, promover perguntas fortalecedoras, ou que possam nos direcionar para uma pedagogia

referente ao assunto. Observar nosso vocabulário referente ao acontecimento, fortalecendo-o. Podemos utilizar metáforas que minimizam a situação, analisar o assunto sob a luz de nossas convicções, valores, referências, etc.. A questão é que se não assumirmos o controle de nossas emoções, elas passam a nos controlar.

Uma das características das pessoas felizes, é que elas focalizam predominantemente aquilo que lhes proporciona felicidade. Não se faz necessário um motivo especial para nos sentirmos bem. Basta decidirmos estar bem que o motivo aparece, nem que seja pelo simples fato de estarmos vivos. O passarinho não canta porque está feliz, ele está feliz porque canta.

O PODER DAS CRENÇAS

O saber é libertador. Todas as revoluções que experimentamos até aqui foram protagonizadas pela força através de guerras, pelas descobertas científicas, pelas mudanças comportamentais estimuladas pela mídia, etc.. A próxima grande revolução inevitavelmente passará pelo saber, pela educação e o conhecimento.

Evidente que o saber por si só não basta. O mundo está cheio de médicos obesos e sedentários, com a carteira de cigarros no bolso, lhe sugerindo para abolir o cigarro, perder peso e se exercitar. Claro que o que conta na vida não é apenas o que se sabe, mas o que se faz com o que

se sabe. No entanto, o saber é o primeiro passo. É a base de qualquer transformação. Quando nossos saberes são estreitos, as nossas possibilidades tendem a se estreitar. Assim são nossos paradigmas, as crenças que norteiam nossas ações.

A medida que o mundo muda, os paradigmas também vão mudando e interferindo na nossa forma de interpretar as circunstâncias e por conseqüência alterando nossas posturas diante de fatos que antes reagíamos diferentemente. Veja alguns exemplos:

- Há algumas décadas atrás a população acreditava que uma mulher depois de dar a luz não poderia lavar o cabelo, pelo menos 30 dias após o parto. Acreditava-se que ao lavar o cabelo a mulher enfraqueceria e sua saúde seria prejudicada.
- Até a década de 1950, algumas culturas de colonização europeia no interior do Brasil, costumavam enfaixar em panos os bebês em seus primeiros meses de vida, eles acreditavam que dessa forma, a criança que ainda mantinha usualmente a posição fetal se desenvolveria melhor. Além do desconforto as crianças pareciam verdadeiras múmias.
- Em algumas colônias de influência cristã do sul do Brasil, durante a Semana Santa especialmente a quinta-feira e a sexta-feira as pessoas eram desestimuladas a fazer qual-

quer atividade, as crianças não podiam brincar porque as atividades de força não eram recomendadas. Acreditava-se que quando alguém se machucava em plena sexta-feira Santa não se recuperaria mais, e as crianças eram informadas que se riscassem o chão verteria sangue.

- Outro efeito de crença marcou a história da civilização em relação ao banho. Nossos antepassados europeus, especialmente os franceses acreditavam que a água enfraquecia a pessoa por isso evitavam o banho. Daí surgiram os famosos perfumes para amenizar os odores. Essa influência européia foi tamanha que até meados da década de 60 em algumas regiões do interior brasileiro, mesmos aqueles que ganhavam a vida com trabalho duro e suado, somente lavavam pés, braços e rosto ao final do dia. Banho somente aos sábados. Também nessa época se acreditava que lavar o cabelo todos os dias produziria o apodrecimento da raiz e seu conseqüente enfraquecimento. Tomar banho após o almoço então, nem pensar, mesmo que seja embaixo de um inofensivo chuveiro. Tinham medo de morrer de congestão.
- Hoje sabemos que o leite materno é o mais rico alimento que uma criança pode receber. Mas quando as multinacionais do ramo lácteo

começaram a se instalar no Brasil, disseminou-se a crença que o leite da mulher brasileira era fraco, o propósito era introduzir o hábito do consumo do leite industrializado.

Essas crenças que nossos antepassados tinham e alimentavam sem questionar moldavam seus comportamentos. O que faziam estava relacionado ao que acreditavam. Se não questionarmos as crenças que monitoram nossas ações no dia a dia, vamos repetir padrões de comportamentos que por sua vez vão retro-alimentar o estilo e a qualidade de vida que temos.

De certa forma, as crenças que temos governam nosso pensar e norteiam nossa vida. Aquilo que foge do que acreditamos simplesmente evitamos. Precisa estar na cartilha, no circuito fechado do certo e errado, que conhecemos como verdade, para receber nossa aprovação.

Parte de nossas crenças é construída a partir das referências que obtivemos ao longo da vida. Essas referências, tanto boas quanto ruins, são a argila que molda nossas convicções e crenças. À medida que ampliamos nossas experiências, abre-se o leque de construção de referenciais, potencializando a matéria prima que perfila nossas convicções. Se você for adepto da versão cristã sobre o surgimento do mundo, porque essa foi a única opção que lhe foi apresentada, ocorre uma certa limitação, mas se você conhece as teorias científicas e das várias filosofias de

pensamento, seguramente sua posição será enriquecida.

Ajuda a modelar as nossas crenças o ambiente em que vivemos, os acontecimentos da infância, resultados bem ou mal sucedidos do passado e os conhecimentos adquiridos através dos estudos que temos e modelos de referências obtidas.

Já aquilo que escolhemos acreditar a nosso próprio respeito interfere, em nossa forma de ser e de viver. Afeta a construção da auto-imagem que alimentamos e muitas vezes influencia a auto-estima. Se decidirmos acreditar nos rótulos que nos atribuíram no passado, de gordinho, grandinho, bonito, feio, inteligente, burrinho, próspero, acanhado, comunicativo, alegre, desorganizado, etc., temos grandes chances de corresponder aos rótulos que decidimos acreditar.

MUDANÇAS

Saber que é possível elevar a qualidade de nossas percepções, é o primeiro passo para produzir mudanças positivas. O mundo em que vivemos valoriza a mudança, porque é um mundo marcado pela velocidade e pela inovação. Mas como também vivemos uma época caracterizada pelo materialismo descartável, o superficial e as aparências, temos que tomar cuidado para que a mudança não seja motivada pelo modismo, mas para verdadeiramente nos tornar pessoas melhores e mais evoluídas.

Produzimos mudanças qualitativas à medida que tomamos consciência do que verdadeiramente precisa ser mudado, elevando a qualidade do nosso julgamento. O que muitas vezes pode implicar em rever conceitos que temos e não nos servem mais.

Mudar pode ser temeroso para as pessoas que se acomodam ou temem o que possa vir de novo. O medo do novo é um medo egóico. É o ego que teme perder espaços, prestígio, poder, bens, etc.. O caos assusta. Mas o caos e o desconhecido são necessários para a construção do novo. Você não consegue erguer um prédio em um terreno baldio sem destruir ao menos parte da vegetação do terreno. O não previsível, o inesperado pode trazer as sementes da evolução, mas sempre tememos as intempéries que possam vir acompanhando o desconhecido.

Promover mudanças, não depende da nossa capacidade, mas da nossa motivação. Capazes todos nós somos, mas nem todos estamos dispostos a pagar o preço de promover as mudanças, que se fazem necessárias para melhorar a nossa vida. Se os motivos são fortes os meios aparecem. Potencialize o “Porque” que o “como” aparece.

A partir do momento que se tem claro o que se quer, precisamos mudar o que se pensa e o que se faz. Se continuarmos agindo e pensando do modo antigo, estaremos reproduzindo os mesmos e velhos resultados, ou perdendo espaços.

Promover mudanças implica em abandonar velhos hábitos e incorporar novas posturas. Aí reside nossa maior dificuldade. Abandonar o comodismo, cortar alimentos da dieta, trocar a novela por uma corrida, carne por salada, o ócio pela leitura, etc.. Tudo implica em romper sistemas convencionais.

Muitas vezes as pessoas resistem à mudança porque aquilo que incomoda é compensado pelos ganhos secundários. Por exemplo, tem pessoas que vivem com dores no corpo, doentes, com estafa pelo excesso de trabalho, etc.. Embora tudo isso faça mal para a saúde, essas pessoas recebem a complacência de colegas, a solidariedade dos amigos ou a atenção e afeto dos familiares. Uma pessoa doente costuma receber mais atenção do que quem está sadio. As pessoas também procuram na bebida e no cigarro, uma compensação ou fuga relacionando prazer ao consumo desses produtos, que causam dependência. Em ambos os casos, as pessoas precisam criar novas e fortalecedoras fontes de prazer. O “viciado em doença” precisa ter uma alternativa mais compensadora na saúde e o “viciado em drogas” no controle da sua dependência.

Cada um de nós pode criar seu sistema de compensação relacionando um prazer ao estilo de vida que queremos. À medida que evoluímos podemos nos presentear comemorando as pequenas conquistas. Tudo o que reforçamos se fortalece, o que não reforçamos, desapa-

rece. Isso significa que se reforçarmos os aspectos positivos das pessoas eles aumentam, porque passam a responder as expectativas que temos em relação a elas, sejam boas ou ruins.

À medida que criamos hábitos superiores, criamos vidas superiores. Se nos habituarmos a fazer avaliações superiores, dos acontecimentos que perfazem nosso cotidiano, igualmente enriquecemos as nossas vidas.

PODER E REALIZAÇÃO

O poder verdadeiro é compartilhado. Nosso verdadeiro poder não está nos títulos que ocasionalmente obtemos e nos papéis que interpretamos, mas no poder que temos de nos tornar nosso próprio discurso. O poder em controlar nossa fisiologia, através dos hábitos alimentares e práticas físicas. O poder de nos tornar quem efetivamente queremos através do conhecimento e do estudo. A qualidade de comunicação que estabelecemos conosco mesmo, interfere no estilo de vida que temos e no tipo de relações que cultivamos. Nossa mente funciona o tempo todo, e muitas vezes, involuntariamente nos entregamos aos maus pensamentos e a avaliações negativas que baixam a qualidade do nosso trabalho. O desafio de poder aqui posto é tomar consciência desses pensamentos e procurar ajustá-los. Muitas atrocidades e erros grotescos são cometidos graças ao estado

emocional negativo que a pessoa se encontra. Quantos dizem e fazem barbaridades que algumas semanas depois se arrependem profundamente?

Nas segundas-feiras deveríamos nos preparar para ir a uma festa e não ao trabalho, pois as expectativas são imensamente enriquecedoras. Todos os dias nós criamos estados emocionais e, em determinados estados nós fazemos coisas que em outros jamais faríamos. A magia da vida está na possibilidade que temos para criar esses estados no instante que desejamos e, no momento que julgamos necessários. À medida que focalizamos o que queremos, e não o que tememos, estamos assumindo o controle mental de nosso cotidiano.

Veja o caso de duas datas importantes para nossa cultura o Natal e a virada do ano. São data que o espírito de solidariedade se aflora. As pessoas se sensibilizam com os humildes, recolhem presentes para crianças pobres, ajudam os necessitados com alimentos não perecíveis, fazem planos para o novo ano, se comprometendo com objetivos novos. Planejam abandonar hábitos e vícios. Tudo isso gera impacto sobre as pessoas porque essas datas são carregadas de simbolismo.

Mas uma análise racional da mesma data nos revela outros aspectos. Para os judeus o 25 de dezembro é um dia tão comum quanto qualquer outro. Para os chineses, que não utilizam o calendário Cristão, 31 de dezembro é apenas mais um dia do calendário Chinês. Para os

hindus, budistas, islâmicos entre outros o natal é um dia comum. Então o clima das datas especiais são criações culturais. Isso significa que nós podemos entrar no espírito fraternal e humanitário dessas datas a qualquer dia do ano. Podemos nesse exato momento fazer planos para um ano novo, que possa começar amanhã pela manhã. Os doze meses mais importante da sua vida podem estar começando hoje.

O PODER DE TOMAR DECISÕES

Nosso destino é moldado nas decisões que tomamos. O chamado livre arbítrio nos abre a possibilidade, de nesse exato momento, tomar uma decisão sobre qualquer área de nossa vida que não nos agrada e estaremos promovendo uma alteração de curso. Não existe consequência sem causa, tudo o que fazemos produz efeito.

Como não somos fruto das circunstâncias mas promotores delas, quando acontece algo em nossa vida que não nos agrada não devemos ficar nos “vitimizandando” com perguntas do tipo: POR QUE aconteceu comigo? Ao substituir esse questionamento por: PARA QUE aconteceu comigo? Mudamos completamente nosso foco. À medida que mudamos a qualidade das perguntas que nos fazemos, nosso cérebro muda a qualidade das respostas que passará a nos oferecer.

Mas não esqueça, ao nos esquivar-

mos de tomar decisões, estamos decidindo, e nesse caso, estamos terceirizando nosso poder de tomar decisões a outros. Tomar decisões é um exercício. Quanto mais exercitamos melhor nos tornamos em decidir.

Como nem sempre decidir é uma tarefa fácil, sobretudo num mundo de tantas possibilidades como é o nosso, como saber se a decisão que optei é a mais apropriada e correta? A melhor forma de tomar decisões acertadas é ouvir a nossa intuição. A intuição não é privilégio feminino, nem misticismo. Todos nós podemos apurar nossa percepção sutil.

Outra forma apropriada é nos perguntar o seguinte: ao tomarmos essa decisão, todos os envolvidos serão beneficiados? Existe um alinhamento entre os valores que tenho? Não haverá prejuízo para as pessoas, organizações e o meio ambiente?

A tomada de decisão é o mesmo instrumento utilizado pelos grandes nomes da história, homens e mulheres que diante de condições favoráveis ou adversas tomaram decisões e por isso produziram modificações substanciais ao mundo, muitas delas afetando as nossas vidas.

Tudo na vida é consequência e não casualidade. Precisamos aprender a ver as possibilidades diante das adversidades. Somos sujeitos de nossa própria história e não vítima das circunstâncias. Precisamos aprender a romper a inércia e o medo do fracasso. Não é preciso saber tudo para agir. A motivação faz com que se busque o

que é preciso, tendo o que se precisa mas não tendo motivação, não alcançamos o objetivo a ser atingido. Precisamos cultivar a cada dia a disposição de fazer o que precisa ser feito.

Do ponto de vista da física quântica, o tempo não existe. Isso significa que podemos alterar experiências do passado e interferir em nosso próprio futuro, a partir do presente.